

PODER

Motta sobe o tom contra o Supremo...

Presidente da Câmara entra com ação na Corte para manter suspensão do processo envolvendo Ramagem e diz esperar que “os votos dos 315 deputados sejam respeitados”

» ISRAEL MEDEIROS

O presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), elevou o tom da disputa institucional com o Supremo Tribunal Federal (STF), ao protocolar, ontem, uma ação questionando a decisão da Corte no caso do deputado Delegado Ramagem (PL-RJ).

“Ingressamos, nesta terça-feira, no Supremo Tribunal Federal, com uma ação para que prevaleça a votação pela suspensão da ação penal contra o deputado Delegado Ramagem. Por meio de uma Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental, a ser julgada pelo plenário do STF, esperamos que os votos dos 315 deputados sejam respeitados”, declarou, em publicação no X.

Motta afirmou, também, que “a harmonia entre Poderes só ocorre quando todos usam o mesmo diapasão e estão na mesma sintonia”.

Na ação, assinada em conjunto com o advogado da Câmara Jules Michelet Pereira Queiroz e Silva, Motta sustenta que a decisão do STF “violou os preceitos fundamentais” da separação de Poderes e da imunidade parlamentar previstos na Constituição



A harmonia entre Poderes só ocorre quando todos usam o mesmo diapasão e estão na mesma sintonia"

Hugo Motta (Republicanos-PB), presidente da Câmara

Federal. “Não há dúvidas de que os princípios da separação de poderes e imunidades parlamentares são preceitos fundamentais”, frisou o presidente da Câmara.

Ele disse, ainda, que a sustação de andamento de ação penal contra deputados federais é um direito e uma prerrogativa constitucional dos membros do Poder Legislativo. Limitar o alcance da resolução aprovada pela Câmara, portanto, seria um esvaziamento das prerrogativas do Parlamento pelo STF; o que, segundo ele, configuraria um desrespeito ao princípio da separação dos Poderes.

Na semana passada, a Câmara aprovou, por 315 votos a 143, a sustação de uma ação penal contra Ramagem no STF. O parlamentar é réu por participação na tentativa de golpe de Estado, no fim de 2022, que resultou nos

atos de vandalismo de 8 de janeiro de 2023 em Brasília.

Segundo o PL, que propôs a ação, Ramagem não poderia estar no inquérito porque a lei proíbe investigações contra deputados depois da diplomação. O texto aprovado, no entanto, não mencionava o nome de Ramagem, o que poderia abrir espaço para beneficiar outros sete envolvidos na trama golpista, incluindo o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL).

O ex-diretor da Agência Brasileira de Inteligência (Abin) é investigado como parte da cúpula da trama golpista. No último sábado, a Primeira Turma do STF decidiu derrubar parcialmente a resolução da Câmara e paralisar apenas as ações penais que dizem respeito a crimes imputados a Ramagem

depois de sua diplomação.

Na prática, a decisão do Supremo isenta o deputado de responder pelo 8 de Janeiro. Ficaram suspensas as acusações por dois crimes: dano qualificado pela violência e grave ameaça contra o patrimônio da União e com considerável prejuízo para a vítima; e deterioração de patrimônio tombado. Ele continua a responder, porém, por tentativa de abolição violenta do Estado Democrático de Direito, tentativa de golpe de Estado e organização criminosa.

Em seu voto, o ministro Alexandre de Moraes, relator da ação, disse que a regra constitucional se aplica apenas aos parlamentares no exercício do mandato. Não se estenderia, portanto, aos demais réus na ação penal, já que não têm prerrogativa de foro do Congresso. Também disse não haver dúvidas do “caráter personalíssimo” da decisão da Câmara, já que o Supremo notificou a Casa de que poderia analisar apenas o caso de Ramagem e somente os crimes supostamente cometidos depois da diplomação. Ele foi acompanhado pelos ministros Cristiano Zanin, Luiz Fux, Cármen Lúcia e Flávio Dino.

Vanessa Carvalho/Brazil Photo Press



Motta: “Não podemos viver em uma polarização política radicalizada, que faz termos um gasto de energia com assuntos que não produzem nada”

... e prega a pacificação do país

» EDUARDA ESPOSITO
» DENISE ROTHENBURG*
Enviada Especial

Brasília e Nova York — Horas antes da alfinetada no Supremo Tribunal Federal (STF), o presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), enfatizou a necessidade de pacificação do Brasil.

“Desde que assumimos a Presidência da Câmara, temos adotado o tom do equilíbrio, diálogo e serenidade, que penso ser o que está faltando ao nosso país. Não podemos viver em uma polarização política radicalizada, que faz termos um gasto de energia com assuntos que não produzem absolutamente nada. Nós, no Parlamento, vamos trabalhar para blindar a nossa pauta dessa polarização”, frisou, em discurso no 14 Lide Brazil Investment Forum, em Nova York. O evento reuniu empresários e políticos para debater o futuro do país.

De acordo com Motta, é necessário “sair de pautas tóxicas, que nos cansam, que tomam o nosso tempo e que não

» Barroso: apoio dos EUA ajudou a evitar golpe

O presidente do STF, Luís Roberto Barroso, disse que os EUA prestaram um “apoio decisivo à institucionalidade e à democracia brasileira em momentos de sobressalto”. Ele falou em evento do LIDE, em Nova York. “Eu mesmo, como presidente do Tribunal Superior Eleitoral, estive com o encarregado de negócios americanos, tive muitas vezes, mas em três vezes, eu pedi declarações dos Estados Unidos de apoio à democracia brasileira, uma delas no próprio Departamento de Estado, e acho que isso teve algum papel, porque os militares brasileiros não gostam de se indispor com os Estados Unidos, porque é aqui que obtêm os seus cursos e os seus equipamentos”, afirmou. O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) e 33 aliados são réus por tentativa de golpe de Estado no Supremo. De acordo com a denúncia da Procuradoria-Geral da República (PGR), o plano golpista não teria prosperado porque não contou com o apoio da alta cúpula das Forças Armadas.

colaboram em nada com o nosso país”. Na visão do deputado, cada poder precisa fazer uma autocrítica para que o diálogo avance.

Já o ex-presidente Michel Temer defendeu, em seu discurso, que é nos estados que a construção real do país acontece. Para ele, as declarações do governadores presentes no evento — Ronaldo Caiado (GO), Raquel Lyra (PE), Cláudio Castro (RJ), Ibaneis

Rocha (DF), Eduardo Leite (RS) e Jorginho Mello (SC), além do vice-governador Mateus Simões de Almeida (MG) — confirmam seu pensamento.

“Tenho observado, mesmo nos contatos internacionais, um grande apreço de autoridades internacionais pelos estados integrantes da Federação. Daí porque eu faço uma pequena distinção entre a forma e a realidade, a

forma é o que está na Constituição, e lá prevalece naturalmente a vontade da União”, afirmou. “Mas o que acontece nos estados brasileiros, o grande impulso do nosso país, evidentemente, cabe a todos os setores, mas, particularmente, aos estados.”

Brasília

O governador do Distrito Federal, Ibaneis Rocha, destacou o crescimento da capital do país no turismo, com os números do aniversário da cidade, comemorado em abril.

“Há pouco, comemoramos os 65 anos da capital e tivemos três dias de festividade, com mais de 450 mil pessoas todos os dias na área da Esplanada”, disse. “Brasília já é polo turístico brasileiro. No período do último feriado de abril, tivemos a oportunidade de ser o segundo destino turístico mais procurado no país. Durante os cinco dias, tivemos lotação completa em todos os hotéis da cidade”, comemorou.

*A jornalista viajou a convite do LIDE Brasil

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br



José Mujica foi exemplo de austeridade e ética para a esquerda no poder

A morte do ex-presidente José Mujica, ontem, foi anunciada pelo presidente do Uruguai, Yamandú Orsi, em mensagem pelo X (antigo Twitter). A esquerda latino-americana perdeu o líder político mais carismático de sua geração, que talvez só possa ser equiparado ao ex-presidente da África do Sul Nelson Mandela, que liderou a luta contra o apartheid por mais de duas décadas, mesmo estando preso.

José Alberto “Pepe” Mujica Cordano nasceu em 20 de maio de 1935, em Montevideú, Uruguai. Ex-guerrilheiro, agricultor e político, presidiu o país entre 2010 e 2015, sendo amplamente reconhecido por seu estilo de vida austero, sua retórica humanista e sua atuação firme em defesa da democracia, dos direitos sociais e da soberania popular.

Pepe Mujica deixa um legado de integridade, coerência e compromisso com os valores humanos. Sua trajetória inspira líderes e cidadãos ao redor do mundo a repensarem as prioridades da vida e da política, valorizando a simplicidade, a empatia e a justiça social. Como presidente, manteve a simplicidade e as críticas ao consumismo. Em 2013, fez um discurso marcante na ONU, em que criticou o consumismo e a lógica do crescimento econômico sem limites. “Desenvolvimento não é consumir mais. É ser mais feliz com menos”, afirmou Mujica. O discurso viralizou nas redes sociais.

Durante seu mandato, implementou políticas progressistas que colocaram o Uruguai na vanguarda social da América Latina, como a legalização do aborto, do casamento entre pessoas do mesmo sexo e da maconha. Mujica também ficou conhecido por doar cerca de 90% de seu salário presidencial para instituições de caridade e viver em sua modesta chácara nos arredores de Montevideú, recusando os luxos do cargo. Não se mudou para a residência presidencial, continuou morando numa casa modesta, junto com a esposa, Lucía Topolansky, sem empregados domésticos e com pouca segurança. O casal nunca teve filhos.

Seu estilo informal de se vestir, o hábito de dirigir um velho Fusca azul-celeste de 1987 e a decisão de viver com muito pouco lhe renderam o título na imprensa de “o presidente mais pobre do mundo”. Entretanto, Mujica nunca foi um outsider, embora tivesse um perfil fora do padrão da política tradicional, mesmo a de esquerda. Basta comparar sua trajetória e seu comportamento com os de outros líderes de sua geração. Por isso, mesmo sendo o presidente de um pequeno país, conquistou o respeito e a admiração internacionais, inclusive aqui no Brasil, onde foi aclamado após ter deixado o poder, num evento na concha acústica da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em 2015.

Amigo de Lula

Mujica era amigo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, visitou-o quando ainda estava preso na Superintendência da Polícia Federal (PF) em Curitiba, em junho de 2018. Antes da visita, que durou 15 minutos, discursou em um megafone aos militantes que estavam acampados perto da PF: “Os homens e as mulheres podem estar presos ao corpo, mas as causas dos homens e das mulheres nunca estão presas, porque caminham com as pernas e os braços dos companheiros”. Ao sair, disse que Lula estava com “muito bom humor, alguns quilos a menos, lendo muitos livros e preocupado com o destino do Brasil”. Não se imaginava que Lula voltaria ao poder em 2022.

Por sua coerência política e seu comportamento, Mujica destacou-se no universo de grandes líderes de esquerda da América Latina, como Fidel Castro (Cuba, 1926–2016), Daniel Ortega (Nicarágua, 1945), Salvador Allende (Chile, 1908–1973), Lúcio Gutiérrez (Equador, 1957), Evo Morales (Bolívia, 1959), Hugo Chávez (Venezuela, 1954–2013) e políticos mais moderados, como o que viria também a se tornar, entre os quais Ricardo Lagos (Chile, 1938), Tabaré Vázquez (Uruguai, 1940–2020) e Michelle Bachelet (Chile, 1951).

Mujica cresceu em uma família de pequenos proprietários agrícolas de origem basca e italiana. Desde jovem, envolveu-se em atividades políticas, inicialmente nas juventudes do Partido Nacional. Na década de 1960, integrou o Movimento de Libertação Nacional-Tupamaros, grupo guerrilheiro de esquerda que combatia a ditadura uruguaia. Durante esse período, foi preso e passou cerca de 14 anos encarcerado, muitos deles em regime de isolamento.

Com a redemocratização do Uruguai, foi eleito deputado em 1995 e senador em 2000 pelo partido Frente Ampla. Entre 2005 e 2008, ocupou o cargo de ministro da Pecuária, Agricultura e Pesca. Em 2009, foi eleito presidente do Uruguai, assumindo o cargo em 1º de março de 2010.

Em abril de 2024, Mujica foi diagnosticado com câncer de esôfago. Em janeiro de 2025, informou que a doença havia se espalhado para o fígado e que, devido à sua idade e a outras condições de saúde, decidiu não continuar com os tratamentos. Encontrava-se em fase terminal da doença, recebendo cuidados paliativos em sua residência em Rincón del Cerro, próximo a Montevideú.

O ex-presidente uruguaio pediu para ser sepultado lá mesmo, sob uma árvore, onde também foi enterrada sua cadela Manuela, que tinha apenas três patas. O animal era tratado como parte da família e simbolizava seu apego à vida simples e afetiva. Mujica morreu com a mesma simplicidade e popularidade com que chegou ao poder.